

DESMONUMENTO À FOTOGRAFIA

por Juliana Monachesi

As estéticas do esquecimento e da perda podem ser mapeadas em movimentos entre Walter Benjamin e Andreas Huyssen, ou entre Christian Boltanski e Rachel Whiteread, entre Emil Forman e Rosângela Rennó, ou ainda entre Elisabeth Bishop e Walter Hugo mãe. Com tantas genealogias visuais, literárias e filosóficas disponíveis a um link de distância, penso que, ao apresentar a obra de um artista nos tempos atuais, muito mais pertinente do que repisar possibilidades genealógicas é tratar da linguagem da obra em questão. Para quem considerar o contrário, ficam acerca da obra de Ivan Grilo as sugestões de navegação pelas tags acima.

Afinal de contas, se é possível percorrer a mostra individual de Grilo no Paço das Artes com este viés da memória e da perda em mente, também é factível deixar estes temas de lado e proceder a uma observação das operações complexas a que ele submete o meio fotográfico. Desde o apagamento de todas as informações identificáveis em registros de nascimento e outros documentos oficiais, dispostos logo na entrada da exposição, até as fotografias antigas reproduzidas por meio de carimbadas sobre papel de grandes dimensões, os procedimentos técnico-conceituais de Ivan Grilo desafiam o estatuto monumentalizante das imagens.

Não se trata aqui de subverter verossimilhança, veracidade ou mesmo a confiabilidade da imagem fotográfica. As obras expostas na Temporada de Projetos são reconhecíveis, verdadeiras e fidedignas. Naquilo que ocultam ou omitem, são ainda perfeitamente gestálticas. Mas naquilo que mostram ou evidenciam, as obras questionam, sim, o aspecto monumental que a fotografia adquiriu culturalmente e que cristalizou socialmente. O uso pelo artista de imagens deslocadas no tempo – antigas fotos de casamento, documentos em desuso, fotos familiares amareladas – está a serviço desta leitura da obra e não o contrário, a obra a serviço do desgastado discurso da memória, como se poderia imaginar.

Caso o artista utilizasse fotografias recentes e coloridas, não veríamos com a mesma facilidade as ruínas dos processos civilizatórios e das demais instituições modernas – ciência, religião, casamento, patrimônio histórico, discursos identitários etc. – que Ivan Grilo encena por meio de processos precários de impressão de imagens: estêncil com verniz diretamente sobre a parede, carimbo sobre papel, acetato aplicado em placas de acrílico, transferência sobre lombada de resmas de papel solto, apagamento digital sobre papel-manteiga. À beira do desaparecimento, estas imagens nos falam do fracasso da monumentalização da cultura, da arte e da vida. São obras, em suma, sobre a derrota da ideologia fotográfica.